

Argemiro

Recebi há dias a tua última carta, que te res-  
 pondo com algum atraso, pois tenho andado num  
mare magnum. Talvez recebas com esta carta  
 os jornais com o discurso que, em nome de  
 classe que tanto me custa abandonar, pronun-  
 ciei no cemitério, comemorando o nosso 14 de  
 julho. Confesso que me preocupou bastante  
 semelhante incumbência, tanto mais que sabia  
 ter que honbrear com o Plínio. Agora, porém,  
 cotejando os dois discursos na "Última-flora" de  
 hoje, quer-me parecer que não fiz tão má  
 figura... (Se é imodéstia, penitencie-me; enio,  
 porém, que é a satisfação do dever cumprido)

Houve, na publicação que fez o referido jornal,  
 umas pequenas omissões que, sem alterar o  
 sentido, modificaram a harmonia (?) e energia  
 de alguns períodos. Terei amanhã se o "Correi"  
 e o "Diário" incidiram no mesmo descuido. Se  
 por acaso (que desejo não se dê) a "Noite" te cair  
 nas mãos, verás até que ponto chega o despredora-  
 mento dos jornalistas indígenas. Tal raucabundo  
 jornal pretendeu caluniar o Plínio, dizendo que ele  
 reconheceu no seu discurso a inocência de govêrnos!!  
 e quis intrigar os estudantes dizendo que, enquanto  
 to o estímulo do jornal estava coberto de flores (o que

é uma profunda verdade), não se via nos timo-  
lor das outras vítimas uma única flôr! (o que é  
uma mentira de borgia desavergonhados). Quanto  
a mim, diz a "Noite" que li um discurso escrito  
que também foi aplaudido. "Tempora mutan-  
tur... Já vai longe o tempo em que, segundo  
o mesmo parquim, eu tinha pronunciado uma  
fulgurante oração de verdade e de dor."

O essencial, porém, é que fixo que funde e  
que não tardarão a aproveitar as consequências.  
Exemplo: o velho e mais uma mentio pretendem  
apresentar propostas a uma comissão de  
governo estadual, a qual será brevemente abor-  
ta; é mais de que certo que, apesar de serem  
de comerciantes antiquíssimos, não lhes reconhe-  
cerão sequer a idoneidade necessária. Tanto porque  
seria uma bela ocasião para meu pai equilibrar  
as finanças, que com uma família tão numerosa  
e a ingenuidade incorrigível do velho para com  
alguns amigos seus, andam sempre num  
deficit... quasi brasileiro.

Como estamos falando em coisas tristes, já há  
de saber, melhor do que eu, que não leio a Federa-  
ção, da profissão de F. F. de quele que já se chamava  
Aldeides Maia e que vai redigir o órgão esse pub-  
licação ac Penafiel

Não sei que te diga quanto ao destino que deves dar à tua vida profissional, pois eu também estou num estado de indecisão absoluta. Adivinhaste: estou no centro da teia, mas caçado, sou a morca e não a aranha. Uma coisa, porém, te posso desde já adiantar: Vianna que eu conheço bem, é um lugar miserabilíssimo. Nem é bom pensar nisso. Quanto à ideia do consultório comum, acho-a excelente caso te resolvas ir a Porto Alegre. Para mim seria o utile dulci. O diabo é que ainda não resolvi nada. Mas, daqui até setembro conto ter deliberado alguma coisa. Tu e o Tomaz temos conversado algumas vezes a este respeito. Ele temoia ir ao Prata a perfeccionar-se daqui a alguns meses; quer que eu defenda a tese para ir junto, ~~após~~ apreender uma especialidade ou duas. Na volta, depois de estudados os estabelecimentos congêneres, fundaria. Mas uma policlínica. O projecto é tentador e comporta mais um ou dois obreiros. O que me atrepalha é a tese. Já perdi o entusiasmo por ela e, para as natureras como a minha, a falta de entusiasmo é a inacção completa. Seji como fôr, procurarei aprofundar o nosso comum problema.

Não abandonei a ideia do comum; a secção é patologia geral e fisiologia; creio, porém, que não

Terei tempo, as inscrições encerram-se em janeiro.  
 O Morante pretende concorrer à seção de patologia  
 interna e clínica médica. Tu resumo: Hamlet  
 dizia que tudo são palavras, palavras, palavras;  
 eu digo que tudo são projetos, projetos, projetos.

Por falar em Hamlet, devo agradecer-te o serviço  
 que me prestou o teu Fausto. Graças a ele, ter-  
 minei honrosamente o meu discurso. Ah! se não  
 fossem estes personagens ilustres, a peste não  
 encontraria uma ideia solene e magestosa nesta  
 oferta que é a vida.

Acerto, para ser aplicado em tempo oportuno, o teu  
 conselho a respeito da Ciência Social. Enquanto  
 não a estudo, escrevo as tuas monografias: é um  
 preceito de pedagogia, começar pelo concreto...

Escrevo, também, os teus artigos, pois ainda não  
 te conheço como jornalista. Como já deves ter visto  
 ensaiei um novo gênero; pensei de artigo doutri-  
 nário ao revolucionário. Não te agrades, porém; foi  
 uma coisa passageira. Voltarei à normalidade.  
 Muito tenho que te dizer sobre política; mas esta  
 carta já vai longe. Fica para outra.

Abraça-te o

Paul

P.S. Não tenho falado ao Fausto. E o Tito??  
 Porto-Alegre, 17 de Julho de 1916